

Patrícia Furtado

Matilde

Segredo Quatro Ventos



NUVEM
LETRAS

*Para o meu irmão Miguel,
que vive comigo todas as aventuras
e está sempre lá para
me tirar dos sarilhos.*

1

— Esta vista é **esplêndida!** — comentou a Matilde, que gostava muito de usar palavras caras.

— **Deslumbrante!**

— Vejam! Vista cá de cima, a Joana Zita parece uma formiga — apontou a Tô.

— Existem formigas **cor-de-rosa?** — perguntou o Benjamim, com uma gargalhada.

— Coitada da Joana — lamentou o Rodrigo —, nem sabe o que está a **perdeeeeeeeee...**

De repente, começaram a cair a pique, cada vez mais depressa, e a conversa foi substituída por **gritos.**

Abanados, remexidos e pendurados, os três amigos sentiam o **coração** a bater, mas já nem sabiam bem se ele tinha ido parar à garganta ou à barriga.

Apanhada de **surpresa**, a Matilde tentou lembrar-se de um feitiço que a fizesse abrandar, mas não conseguia sequer pensar.

A Tó, reparando que ela estava muito encolhida, gritou:

— **Não resistas!** Faz de conta que estás a controlar isto e atira-te de cabeça!

— OK... — respondeu a Matilde entre dentes.

— Vá, abre os olhos — acrescentou o Rodrigo.

— E não te esqueças de respiraaaaaaa...

Lá estavam eles de novo a **despenhar-se** furiosamente. A Matilde resolveu seguir os conselhos da amiga e inclinou-se para a frente, agarrando a barra que a prendia ao assento, como se fosse um volante.

E não é que **funcionava**? De repente, parecia estar a voar na sua vassoura em vez de estar presa à carruagem. O pânico dissipou-se, o coração voltou ao sítio e uma estranha sensação de **liberdade** invadiu o seu corpo.



Aquilo era mesmo o que precisava. O seu primeiro ano em **Torres Altas** estava a ser mais agitado do que esperava. A pequena bruxa de dez anos estava longe dos pais, a estudar numa escola pela primeira vez. Tinha amigos novos, um sem-fim de matérias para aprender, testes e trabalhos de grupo a perder de vista. E como se tudo isso não bastasse, tinha descoberto que na cidade abundavam **segredos**, portas mágicas, tesouros escondidos e um mundo subterrâneo cheio de **mistérios**. Escapara das garras de um par de indivíduos de mau caráter, conseguira atravessar o **Oblívio**, uma prisão onde o tempo não passava e todos ficavam esquecidos, e tinha até lutado contra a horrível Angelina Umbra, sua tia, e estado na presença do **Pai Tempo**, o grande mago imortal. O ano ainda ia a meio, as férias de primavera estavam apenas a começar!



Porém, naquele momento, só a montanha-russa importava.

— Uoooooooo-hoooooooo! — gritou. Queria ficar ali para sempre.

Infelizmente, num instante, a viagem **terminou**. As carruagens chegaram à plataforma e pararam. Os cintos de segurança soltaram-se, e as pessoas começaram a sair.

— **Outra vez!** — gritou a Matilde, eufórica.
— Vamos andar outra vez!

— Ah, afinal gostas! — exclamou o Benjamim, com um sorriso trocista.

— Bora! — chamou o Rodrigo, já preparado para uma segunda volta.

— Calma, calma — pediu a Tó. — Já viram bem a fila? Ainda há tanta coisa para explorarmos aqui na feira. Voltamos à montanha-russa **no fim**, pode ser?

— No fim ou... nunca! — disse a Joana Zita, que, entretanto, se tinha juntado a eles, com o Fred no ombro. — Matilde, admite, aquilo é **horrível!**

— Achas? Adorou! — disse logo o Benjamim, apagando na Joana Zita a última esperança de encontrar ali uma aliada. — Olha para ela, ainda está cheia da **Dina Lina**.



— **O quê?!** — perguntaram simultaneamente a Tó e a Matilde, mortas de riso.

— É **adrenalina**, Ben — corrigiu logo a Joana.
— A-dre-na-li-na.

— Foi o que eu disse — protestou o miúdo.
— Mania que é sabichona!

— Pois sim — reagiu a Joana, com superioridade. Depois, voltando-se para a Matilde, continuou:

— Estava-se mesmo a ver que ias gostar, nem sei como é que achei que não. Adoras pôr a vida em **perigo!**

— Tinhas mesmo de me lembrar disso **agora?**
— reclamou a Matilde. — Vá, Tó, diz lá onde vamos. Hoje, tu é que decides.

A **Feira dos Espantos** era um dos eventos mais importantes e antigos de Torres Altas. Duas vezes por ano, ocupava toda a Rotunda da Encruzilhada e descia a grandiosa Avenida Austral até à Torre do Mercado. A feira da primavera tinha lugar no fim do segundo trimestre de aulas e, para sua grande felicidade, coincidia sempre com o aniversário da Tó.

— Se fosse a ti, escolhia agora uma coisa mais **calminha** — sugeriu a Joana.

— Como o carrossel dos **pequenitos**, não é, Joaninha Zitinha?

— Benjamim, tu cansas-me!

— Eu sei exatamente onde vamos — declarou uma miúda que a Matilde não conhecia e que tinha acabado de se juntar ao grupo. — **Carrinhos de choque!**

A Joana revirou os olhos e disse baixinho:

— Não te preocupes, Fred, ficas outra vez comigo.



2

— **Lara!** Vieste! — exclamou a Tó, correndo a abraçar a amiga.

— Não podia faltar à tua festa — disse a Lara na sua voz calma e pausada, pegando nas mãos da amiga. — Nem à feira!

— Se tivesses chegado **mais cedo**, tinhas andado connosco na montanha-russa!

— Oh, não faz mal. Na feira da Meia-Nau há uma montanha-russa muito maior. Esta não me entusiasma muito — explicou, num tom de **superioridade** que **irritou** a Matilde instantaneamente. — Para não falar na de Barba da Baleia, tão grande que atravessa o mar. E está **assombrada!**

— **Assombrada?!** — arrepiou-se a Joana Zita. — Que pesadelo!

A Tó lembrou-se então de que os colegas da escola ainda **não conheciam** esta sua amiga e apresentou-a ao grupo.

— Pessoal, esta é a **Lara Eustáquio**. Mora em Meia-Nau e, tal como eu, passa sempre férias em **Barba da Baleia**. Conhecemo-nos desde pequenas!

— Olá a todos! — cumprimentou ela.

— Lara, estes são os meus amigos da **escola**: a Joana, o Benjamim, o Rodrigo e a Matilde.

— A Tó falou-me muito de ti — disse a Lara, colocando a mão no ombro da Matilde. — De vocês **todos!**

— Hum... De ti também — mentiu a Matilde, com um sorriso um bocadinho **forçado**.

— Bom, já só faltam a Raquel e a Nádia — constatou a Tó, mudando de assunto.

— Já cá estão — revelou a Joana. — Chegaram enquanto vocês estavam na montanha-russa. Foram ali, às barraquinhas das lojas. A Raquel queria comprar uma *T-shirt* dos Besouros.

— Claro que queria! — comentou o Rodrigo. — Vamos lá ter com elas, pode ser que eu encontre alguma coisa que me agrade.

— **Que horror!** — exclamou a Lara.

— **Eu** nunca compro roupa na feira, a qualidade deixa muito a desejar...

O Rodrigo e a Matilde trocaram olhares **cúmplices**, mas nem o Benjamim se atreveu a mandar uma das suas bocas trocistas. Seguiram em silêncio atrás da Lara, da Tó e da Joana Zita, que tentava, em vão, participar na conversa das duas amigas. Mas nem a Tó conseguia dizer mais do que duas frases seguidas sem que a Lara a interrompesse para se **gabar** das suas notas, das suas viagens, das suas roupas ou de outra coisa que se lembrasse.

Quase a chegar à zona das bancas, deram de caras com a Raquel e com a Nádía, que já estavam a voltar para trás. Surpreendentemente, era a Nádía quem trazia vestida uma *T-shirt* da banda preferida da amiga.

— Então? A Raquel também já te **contagiou** com a **febre dos Besouros**? — perguntou a Joana.

— Tive um **acidente** — disse, resignada, a miúda que tinha sido considerada **a mais azarada do mundo** e que era, em simultâneo, a mais otimista.

— Alguém entornou um copo de limorangada em cima de mim. Por **sorte**, a Raquel emprestou-me a *T-shirt* que tinha acabado de comprar.

A Raquel não parecia particularmente feliz com isso, mas foi **interrompida** antes de conseguir dizer o que quer que fosse.

— **Eu** sei bem o que é isso — disse a Lara.

— Já me aconteceu pior! Fiquei suja de chocolate quente dos pés à cabeça! Felizmente, estava perto de uma loja da Donna Rumma e comprei logo um *outfit* inteiro para mudar. Até as sapatilhas estavam pingadas!

— **Coitada!** — exclamou o Benjamim, abanando a cabeça com os olhos fechados.



A Matilde tentou abafar uma gargalhada, mas expirou ruidosamente pelo nariz, o que lhe valeu um olhar **reprovador** da Tó.

— **Carrinhos de choque!**
— gritou o Rodrigo, de braço a apontar para o outro lado da avenida.
— Não vamos perder mais tempo aqui parados!

O barulho do recinto dos carrinhos era **ensurdecedor**. Por cima dos gritos e do barulho dos carros, tocava uma música estridente e repetitiva, num volume tão alto que acabava por distorcer qualquer melodia que pudesse existir. A Matilde **nunca** tinha visto nada assim.

— É oficial — declarou a Joana Zita. — Morri e cheguei ao **inferno**.

— Não sejas dramática. Anda lá! — disse o Rodrigo, que saltou para dentro do carro onde já se tinha instalado o Benjamim.

A Tó sentou-se com a Lara, e a Raquel, com **alguma relutância**, lá se deixou ir com a Nádia. A Matilde olhou para o ar aflito da Joana, ainda com o Fred no ombro, e suspirou.

— Deixa estar, Joana, eu vou sozinha. Toma conta dele.

Começou por achar **divertida** a condução do pequeno carro, cor-de-rosa como o seu cabelo. Foi levando uns **encontrões** dos amigos, que inicialmente a surpreenderam, mas rapidamente percebeu que o objetivo daquilo tudo **não** era desviar-se dos outros, mas sim ir contra eles.

E, mais uma vez, a Lara podia **gabar-se** de ser muito boa nisso, já que não parava de chocar com o seu carro a toda a velocidade. A Matilde deu consigo a tentar afastar-se delas, mas a Lara e a Tó pareciam mesmo persegui-la. Estava a ficar cansada da brincadeira e começava a dar razão à Joana Zita, que decidira ficar **apeada**. Quando viu o carro das duas amigas de novo a acelerar na sua direção, lembrou-se do feitiço que a tia Miranda lhe tinha ensinado para situações como esta. Esticou o braço e pronunciou as palavras mágicas:

— *A tempestade amaina
O barco sossega
Nem mais um abanão.*

O tempo abrandou, o barulho foi coberto por um nevoeiro de silêncio e a Matilde conseguiu dar a volta. Assim, foi ela a chocar no carro da Lara, que embateu na traseira do carro da Raquel e da Nádía. Por azar — como era de esperar —, a Nádía tinha o cinto de segurança avariado e o choque foi tal que a projetou pelos ares.

A Matilde viu tudo em **câmara lenta** e, antes que a pobre rapariga aterrassse na pista, esticou de novo o braço e gritou:

— *Flutua, como leve pena.
Paira, peso pluma, nesse plano.
Nuvem de algodão!*

A Nádia Felícia ficou a pairar a um palmo do chão.

E foi então que soou um **alarme estridente** em toda a feira.

